



ECHO DA EGREJA LUSITANA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

UNIDADE NA CERTEZA, LIBERDADE NA DUVIDA E CARIDADE EM TUDO

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — GUILHERME DIAS || REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, RUA DAS EIRINHAS

PREÇO DA ASSIGNATURA:—Porto, anno. 15000 reis
Para as provincias acrece o porte do correio. Brazil, anno (moeda fraca). 55000 »

É agente no Rio de Janeiro por especial obsequio, o Ill.^{mo} Sr. José Joaquim Pereira Rodrigues.—Rua 1.^a de Março n.º 13.

OS JESUITAS E A COVILHÃ

Os officiaes que foram syndicar dos graves acontecimentos que ha dias se deram na Covilhã entre os populares e a tropa, e aos quaes já nos referimos n'uma pequena noticia, publicada em um dos numeros passados da nossa folha — vieram convencidos de que o caso é mais grave e mais duradouro do que se pensa, porque está filiado em superstição religiosa.

Os padres Grainhas viviam na Covilhã como em paiz conquistado. A sua aringa era sustentada e defendida, não com zagañas ou armas de pedra, mas com «bentinhos e rosarios».

Em quanto os deixaram á vontade explorar as consciencias, os bolços e mais alguma coisa que por decencia occultamos, o negocio ia bem; mas logo que viram que o partido liberal, que elles amordaçavam com o direito da força d'uma turba-multa fanatisada, lhes quiz reagir, recorreram á intriga que a todo o instante alimentam entre a força publica e o povo.

E' uma guerra terrivel a sustentada com semelhante arma!

Os padres teem todos os dias a maior parte da população d'aquella industrial cidade, horas e horas preza nas egrejas, prégando-lhe doutrinas d'uma religião avariada, mas que ella acceita com uma submissão e com fé de selvagens; e entre os mandamentos que lhe recommendam com mais fervôr, é o de se desviarem e perseguirem os «impios de botão amarelo»!

E' assim que elles chamam á tropa que não querem vér nas igrejas, que não podem consentir que fallem com as mulheres, especialmente quando el-

las são bonitas e vão muitas vezes á «desobriga».

E' este nome, de impios do «botão amarelo», que elles dão aos «reprobos» não pelo grande mal que lhes podem fazer, mas pela força moral que dão ao partido liberal que procura reagir para emancipar a cidade d'uma tutela vergonhosa, retrogada e eminentemente perigosa.

O partido liberal da Covilhã é grande, e dizem-nos que muito illustrado; mas os seus esforços teem sido improficuos, por teem visto sempre contra si todos os elementos que representam a força, começando pelas auctoridades.

Ali quasi tudo é «Grainha», porque os taes padrecas teem a habilidade, com todos os governos, de serem elles quem nomeia as auctoridades, quem faz os deputados, quem resolve todas as questões, pertençam ellas a que fóro pertencerem, tendo a certeza de que todos os funcionarios que se não subordinarem ás suas exigencias, se o governo os não põe fóra, o que geralmente acontece, el'es promovem-lhe uma guerra a que difficilmente se resiste.

D'aqui a omnipotencia d'estes sacripantas, prestigio de que elles fazem galla e que julgam invencivel!

Não se calcula o burlesco da propaganda dos «Grainha», se não ouvindo uma descripção exacta dos embustes de que elles lançam mão para engodar os papalvos! A casa em que habitam é um verdadeiro muzeu de rosarios, bentinhos, estampas de santos, e para nada lhes faltar, até conseguiram ter em casa o «Santissimo»!!! Ora com uma succursal, como elles têm, da Corte do Ceu, como não hão de fazer milagres!

Quem lá entrar se não ficar com a consciencia leve fica com certeza com a bolça vasia; mas este commercio a retalho, não é que produz mais, por-

que o negocio mais rendoso é o que se faz por meio de testamentos, com que as boas almas contemplam aquelles que se encarregam de lhes assignar o passaporte para o Ceu!

Isto é que é uma mina inexgotavel!

E assim teem vivido aquella infeliz terra e povos visinhos; e continuarão a viver cada vez peor, se n'esse lance decisivo o governo não mantiver uma energia tambem decisiva, custe ella o que custar.

Os padres não querem um regimento, ponham-lhe lá dous. Gritam no pulpito contra os agentes da auctoridade sem motivo para o fazer; processo ás costas, e se quem está encarregado de o instaurar não cumprir por medo ou por contemplação, fóra com essa auctoridade!

E' tambem indispensavel que a officialidade do regimento, além de numerosa, seja escolhida.

O momento é solemne! a reacção arremeçou a luva, é preciso que o partido liberal a levante com força e dignidade. Se perderem esta occasião, a propaganda em vez de affrouxar vae aonde nunca foi.

Expulsem-se do templo os vendilhões que fazem da casa do Deus um mercado ignobil, distilando do suor dos pobres o ouro com que satisfazem ás suas mais caprichosas veleidades.

O governo não pode nem deve descurar esta importantissima questão, e se fór fraco ou se fizer jogo com os votos que os padres reaccionarios lhe podem dar, a seita, que se estende por varios pontos do paiz, redobra de coragem, e as scenas da Covilhã repetir-se-hão onde o partido liberal se julgar com forças de fazer justiça por suas proprias mãos.

POLEMICA RELIGIOSA

AS IMAGENS

II

Dissemos que a «Bíblia» condemna formalmente o culto das imagens. Apresentemos a prova. E que se não diga que o «Velho Testamento» não é autoridade bastante para o christão. No «Novo Testamento» encontraremos textos igualmente fulminantes para esta superstição papista.

Na lei fundamental de todas as religiões d'origem semita (os mandamentos da Lei de Deus), exposta por Moysés no «Exodo», diz-se:

«Não terás deuses estrangeiros deante de mim.

«Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que ha em cima no Ceu, e do que ha em baixo na terra, nem de cousa que ha nas aguas debaixo da terra.

«Não as adorarás, nem lhes darás culto: porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos paes nos filhos até á terceira e quarta geração aquelles que me aborrecem. (Cap. XX, 5)

«Não fareis para vós nem deuses de prata nem deuses de ouro». (Idem, 23).

Nos versiculos 8, 19 e 20 do cap. XXXII é bem notoria a justa indignação de Moysés contra a idolatria dos israelitas que adoravam o bezerro d'ouro. E no cap. XXXIV, 17, a ordem é novamente dada:

«Não farás para ti deuses fundidos.»

Abra-se agora o «Levitico»:

«Não vos volteis para os idolos, nem faças para vós deuses fundidos. Eu sou o Senhor vosso Deus.» (Cap. XIX, 4).

E n'outra parte:

«Eu sou o Senhor vosso Deus: não fareis para vós idolos nem imagens de escultura, nem levantareis columnas; nem na vossa terra poreis pedra assinalada para a adorardes; porque eu sou o Senhor vosso Deus.» (Capitulo XXVI, 1)

Vejamos o «Deuteronomio»:

«Guardae portanto, cuidadosamente as vossas almas. **Vós não vistes figura alguma no dia em que o Senhor vos fallou em Horeb do meio do fogo.**

«Por não succeder que enganados faças para vós alguma imagem de escultura, ou alguma figura d'homem ou de mulher... (Cap. IV, 15-16)

«Vê, não te esqueças jámais do pa-

cto do Senhor teu Deus que Elle fez contigo: e não faças de escultura alguma imagem das cousas que o Senhor prohibiu que se fizessem. (Idem, 23).

«Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma de tudo o que ha no alto do Ceu, ou em baixo na terra, ou que está debaixo da terra nas aguas.

«Não as adorarás e nem lhes darás culto. Porque eu sou o Senhor teu Deus; Deus zeloso, que castiga a iniquidade dos paes sobre os filhos até á terceira e quarta geração d'aquelles que me aborrecem.» (Cap. V: 8-9)

No cap. IX, 16, 17 e 21 torna o propheta a verberar indignado a idolatria dos adoradores do bezerro. E no cap. XVI, 22 diz elle:

«Não farás para ti, nem levantarás estatua: que são cousas que o Senhor teu Deus aborrece.»

Agora a condemnação mais formal e para o crênte a mais terrivel, é a que segue:

«Maldicto o homem que faz imagem de escultura ou fundida, que é a abominação do Senhor, a obra das mãos dos artifices, e a põe n'um lugar escondido: e todo o povo responderá e dirá: Amen.» Cap. XXVII, 15)

No cap. XII do terceiro livro dos «Reis», 30, novamente são censurados os adoradores do bezerro, como reus d'um grande peccado. No v. 18 do cap. XIX, mais uma allusão desfavoravel aos «adoradores do Baal».

Fallando de Ezequias, rei de Judá, diz o livro quarto dos «Reis», para mostrar quanto elle devia ser agradável a Jehovah.

«Elle destruiu os altos, e esmigalhou as estatuas, e deitou abaixo os bosques, e fez em pedaços a serpente de metal, que Moysés tinha fabricado; por que os filhos de Israel até então lhe haviam queimado incenso: e a chamou Nohéstan.» (Cap. XVIII, 4)

De resto, o povo hebreu nas suas horas de orthodoxia pura assim costumava proceder, como se pôde vêr do segundo livro dos «Paralipomenos».

«Feitas estas coisas segundo o rito, todos os Israelitas, que se achavam nas cidades de Judá, sahiram e despedaçaram as estatuas, e talaram os bosques, demoliram os altos, e destruíram os altares, não só em toda a terra de Judá e de Benjamin, se não tambem na de Epaim e de Manassés, até os destruíram de todo: e voltaram todos os filhos de Israel para as suas possessões, e para as suas cidades.» (Cap. XXXI, 1)

Onçamos o rei David:

«Confundidos sejam todos os que que adoram idolos: e os que se gloriam nos seus simulacros». (Psal. XCVI, 7)

No versiculo 20 do Psal. CV novamente se accusa os israelitas por terem abandonado a gloria de Deus pelo bezerro de ouro.

O propheta Isaías, referindo-se, ao que parece, ao dia em que triumpharia o reino de Deus mais tarde apresentado por Jesus, diz:

«N'aquelle dia arrojará o homem os seus idolos de prata, e os seus simulacros d'ouro, que para si tinha feito a fim de os adorar, não sendo mais que toupeiras e morcegos». (Cap. II, 20).

E logo mais adiante:

«E contaminarás as laminas dos idolos feitos da tua prata, e a sua vestidura do teu ouro fundido, e arrojás bem assim como a immundicie de uma menstruada. Sae d'aqui lhe dirás tu.» (Cap. XXIX, 22)

E mais adiante, preocupado ainda da mesma ideia:

«Porque n'aquelle dia cada um lançará fóra os seus idolos de prata, e os seus idolos de ouro, que vos fabricam as vossas mãos para peccardes.» (Cap. XXXI, 7)

D'esta vez, porém, a propheta fallou, e aos catholicos se não podem com certeza applicar as palavras do mesmo propheta:

«E entregaram ao fogo os deuses d'ellas; porque elles não eram deuses, mas obras das mãos dos homens, pau e pedra: e as esmigalharam.» (Cap. XXXVII, 19)

Mas a elles se poderá perguntar com o mesmo propheta:

«A quem pois tendes vós assemelhado a Deus? ou que imagem fareis d'elle?

«Por ventura não foi o artifice o que fundiu a estatua? ou o ourives de ouro não a formou de ouro? e o ourives de prata não a cobriu com chapas de prata?» (Cap. XL, 18-19)

«E a quem me assemelhastes vós, e igualaste, diz o Santo?». (Idem, 25)

Aos catholicos romanos parecem ainda referir-se essas palavras indignadas.

(Continua)

Ismaël.

INSTRUÇÃO EVANGELICA

Conferencias religiosas sobre Jesus Christo, por Ernesto Narville, traduzidas do francez.

PRIMEIRA CONFERENCIA

ESTADO DA QUESTÃO

(Continuado do numero 29)

Não julgueis que eu pretenda vir fazer aqui o elogio da theologia dos

ignorantes. Os christãos de um e outro sexo compromettem muitas vezes a causa querendo, em nome da fé, decidir questões que carecem da sciencia para se resolverem. A sciencia tem seu campo de acção. Guardemo nos de entrar alli, se não estamos nas condições necessarias para entrar n'elle legitimamente; mas, para o essencial da questão, para os principios que lançam a sciencia nas duas direcções oppostas, para a fé propriamente dicta, as fontes da vida não dimanam do pó das bibliothecas e das argucias da Scholastica. O Pae da humanidade não permittiu na sua familia um privilegio tão monstruoso. Para o cominho a seguir sobre a natureza da obra de Christo, não é a sciencia dos textos, não é a erudição que decide. Sob este ponto de vista, ha crentes tão sabios como os incredulos, e incredulos tão sabios como os crentes. Sei perfeitamente que se negam ambas as partes; mas a negação, tanto de um lado como de outro, é, a meu parecer, ou o resultado de uma pretenção cega, ou o facto de uma orgulhosa impertinencia.

O livro das Sagradas Escripturas apresenta-se-nos á mente sob dous aspectos: E' um simples documento historico, ou é um documento que a fé reveste de uma authoridade especial. O segundo ponto de vista uão pôde ser o nosso.

Admittida a missão divina de Christo, que resulta para o livro? E' uma questão de dogmatica especial, que uns resolverão pela sua adhesão ao ensino da sua Igreja, e outros decidirão por suas indagações pessoas. E' por isto que eu deixarei de parte tanto as questões da critica sabia e justa como as das lutas confessionaes e dogmaticas. Aqui tendes o plano que seguirei n'estas minhas conferencias.

Christo affirmou-se ao mundo como um Salvador. A salvação é o livramento do mal sob todas as suas fórmulas. Sem separar o que deve permanecer unido, podemos todavia distinguir elementos diversos na ideia geral d'essa salvação. Estudaremos a obra de Christo nas suas relações com as indagações da razão («Christo doutor»), com os soffrimentos do coração («Christo consolador»), com as perturbações da consciencia («Christo redemptor»), com a marcha da sociedade («Christo legislador»). Fixaremos em seguida a attenção sobre o poder que elle manifestou a todos os respeito— («Christo Senhor»). Depois de havermos estudado os factos, procuraremos a sua melhor explicação, ou, para fallar com mais exactidão, submitterei ao vosso exame a solução da questão que venho tratar e defender—que Jesus de Nazareth, o Christo, cumpriu uma obra de Deus para a salvação do mundo.

Antes porém, de ir mais longe, permittime a seguinte observação:

A palavra religiosa apresenta-se sob dous aspectos diferentes: umas vezes

é a palavra da Igreja, e outras a palavra da praça publica. O apostolo S. Paulo fallando ou escrevendo ás congregações christãs, que tinham accedido a sua prgação, dirige-se a ellas com authoridade. Recordalhe a fé que tinham recebido, explica-a e censura aquelles que d'ella se devisaram—é a palavra da Igreja; suppõe ella uma fé preliminar commum áquelle que falla e áquelles que o escutam. Mas, eis aqui o mesmo S. Paulo na praça publica de Athenas. Nenhuma fé commum existe entre os cidadãos d'esta cidade, entre os philosophos que se lhe aproximam e os curiosos que se reúnem em volta d'elle. Propõe-lhes as suas crenças e discute-as, sem que os ouvintes possam ligar authoridade alguma aos seus discursos. Tal é a palavra da praça publica; e é esta que eu me proponho fazer ouvir aqui.

Ninguem, estou intimamente convencido, poderá contestar a importancia da questão que venho tractar,—quer para o individuo, quer para a sociedade. Para o individuo, primeiramente: Aquelles que creem, sabem bem o thesouro que possuem. Aquelles que não crêm, se estão convencidos de que teem uma alma racional, conhecem perfeitamente os grandes bens que poderão vir a obter crendo. Aquelles que duvidam não desconhecem tambem a gravidade e importancia do problema religioso que traz agitadas as sociedades. Emfim, aquelles que deixaram de crer, chegará uma occasião em que elles se recordem, com dôr e magua, do hem que perderam. No estado actual dos espiritos, a separação do pensamento com Christo, arrasta muitas vezes á destruição de todo o elemento religioso. Não digo que succeda sempre assim; apresento um facto, e digo que assim succede em um grande numero de casos. Eis aqui um exemplo: Um mancebo natural de Jura, e que veio a ser um philosopho celebre, Jouffroy, tinha sido educado no seio de uma familia piedosa. Eis como elle descreve as inclinações religiosas da sua infancia:

«A vida presente me era perfeitamente clara, e para além d'ella via, sem nuvens que podessem toldal-o, o futuro que a devia seguir. Tranquillo sobre o caminho que tinha a seguir n'este mundo, tranquillo a respeito do fim que devia ter além da morte; comprehendendo a vida nas suas duas phases, comprehendendo-me a mim mesmo, conhecendo os designios de Deus a meu respeito e amando-o, eu era feliz d'essa felicidade que dá uma fé viva e certa n'uma doutrina que resolve todas as grandes questões que podem interessar o homem.»

Mandado a Paris, Jouffroy entrou na eschola normal. Sob a influencia do espirito que reinava n'esta escola, sente a duvida a tortural-o sobre a authoridade divina do Christianismo, e esta duvida destroe, de um só golpe, todas

as suas crenças religiosas. Escute-mol-o:

«Não esquecerei nunca essa noite de dezembro em que me o veu que occultava a mim mesmo a minha propria incredulidade, cahiu feito em pedaços. Ouço ainda os meus passos n'aquelle quarto pobrememente mobilado e estreito, em que costumava passear antes de me deitar; vejo ainda a lua meio occulta entre as nuvens, deixando penetrar a sua luz melancholica atravez dos vidros das janellas. As horas da noite passavam, docemente, alegremente, para mim; seguia com ansiedade o meu pensamento que vagava por mundos desconhecidos, até que por fim descia ao fundo da minha consciencia, e, dissipando uma após uma todas as illusões que até alli me tinham occultado a vida, deixavam-me n'uma tristeza sem nome.

«Em vão, procurava segurar-me ás minhas crenças antigas, como um naufrago aos restos do seu navio; em vão, espantado do vasio desconhecido em que ia fluctuar, recordava a minha infancia, a minha familia, o lugar onde nasci, em summa, tudo o que me era querido e sagrado; porem a corrente inflexivel do meu pensamento era mais forte; parentes, familia, saudades, obrigavam-me a abandonar tudo, mas a duvida, oh! a cruel duvida, despedaçava-me a alma... Este momento foi horrivel, e quando pela manhã me deitei sobre o leito, sonhei com os dias alegres da minha infancia em que *cria em Deus e nos destinos futuros*».

LENDAS E NARRATIVAS

UMA MORTE FELIZ

NO

RIO DE JANEIRO

(Continuado do numero antecedente)

(Conclusão)

A Palavra de Deus nos consola assim: «Não queremos, irmãos, que vós ignoreis cousa alguma ácerca dos que dormem, (morrer em Jesus é dormir) para que não vos entristeças como tambem os outros, que não tem esperanza. Porque se cremos que Jesus morreu e resuscitou, assim tambem Deus trará com Jesus aquelles que dormirão por elle. Nós pois, vos dizemos isto na palavra do Senhor, que nós ou-

tros, que vivemos, que temos ficado aqui para a vinda do Senhor, não parviremos (anteciparemos) aquelles que dormiram. Porque o mesmo Senhor com mandato e com voz de archanjo, e com a trombeta de Deus, descerá do ceu, e os que morreram em Christo, resurgirão primeiro. Bepois nós os que vivemos, os que ficamos aqui, seremos arrebatados juntamente com elles nas nuvens a receber a Christo nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolae-vos uns aos outros com estas palavras: (Epistolas aos Thassalonicences, IV, 12 a 17).

Assim podemos cantar este hymno:

Muitas vezes com pezar,
Tem-se de nos apartar
Dos mais amados aqui.
Oh será alegre!
Alegre, sim alegre!
Oh será alegre!
Onde não ha separação.

Vivos hemos de encontrar
Os que nos custou a deixar,
No mundo triste aqui.
Oh será alegre!
Alegre, sim alegre!
Oh será alegre!
Onde não ha separação.

Esta consolação de que havemos de encontrar os que n'este mundo mais amavamos, e que nos custou a deixar é que dá resignação ao marido d'aquella que partiu (Filomena Araujo dos Santos) a quem espera ainda vêr, e com ella, como irmãos reunidos por Jesus, louvar o Salvador e estar para sempre com o Senhor.

Aos que lerem esta narração que é verdadeira, convidamos a crêrem no Senhor Jesus Christo, de coração, para que possam ter uma morte feliz, pois Elle é só quem pode dar-nos salvação, paz, alegria e o ceu para sempre.

Suas palavras são estas:

«Quem ouve a minha palavra e crê n'aquelle que me enviou, tem a vida eterna, e não incorre na condemnação mas passou da morte para a vida». (Evangelho, segundo João V, 24)

Só crendo assim poderemos ter uma morte feliz—e então, alegremente, dizer n'essa hora—«Vou para Jesus; com Jesus ha morada feliz.»

O que está narrado aqui é verdadeiro, e foi testemunhado por muitas pessoas que conheceram a doente, e que se achavam no quarto quando ella fallou na sua ultima hora.

Seu marido, crendo que a publicidade d'este facto servirá para animar aos crêntes evangelicos a irem adiante, trabalhando para Jesus e a olharem para o dia da partida, e que os descrentes aprenderão que não temos uma vã esperança e que devem emquanto é tempo cuidarem de suas almas, crendo

em Jesus Christo o Salvador dos peccadores, escreveu este resumo a respeito de sua querida mulher, e oxalá que ella, por meio d'este escripto, ainda esteja fallando a muitos e exhortando-os para que AMEM A JESUS.

Como ha de ser, quando por Deus banhados
Dos raios da divina e excelsa luz,
Oh alegria! isentos de peccados,
Achar-mo-nos á face de Je-us!
Pela primeira vez em harmonia
C'os santos cidadãos dos altos Ceus
Unindo-nos sem medo, á companhia,
Que cerca o throno do Supremo Deus?

Como ha de ser?—Oh! nunca foi pensado
Por mente ou coração humano aqui!
O jubilo por Deus determinado,
Para os que entrarem com triumpho alli!
Avante, irmãos! avante no caminho
Que nos conduz a gosó tão real!
Se aqui tivermos um quinhão mesquinho
Marchamos para a gloria divina!

Rio de Janeiro, 9 de agosto de
1885.

João Manoel Gonçalves dos Santos.

Um punhado de pensamentos

Devemos lastimar e não amaldiçoar aquelles que se perdem. Na terra ha uma só cousa abominavel: o odio.

O que faz que a verdade se nos apresente quasi sempre em vão, é nós não a julgarmos pelas luzes que derrama em nossa alma, mas sim pela impressão que faz nos homens com quem vivemos.

Que a vossa paz não dependa da opinião dos homens; por quanto, bem ou mal que elles interpretem vossas acções, ficades sendo sempre o mesmo homem. Onde está a verdadeira paz e a verdadeira gloria? Não é em Jesus Christo? Quem não deseja aprazer aos homens, nem receia desagradar-lhes, gosa uma grande paz.

O atheismo não é bom para ninguém: nem para o desgraçado a quem mata a esperança, nem para o feliz a quem definha a felicidade, nem para o soldado que acobarda, nem para a mulher cuja belleza afeia, e cuja ternura géla, nem para a mãe que pôde perder seu filho, nem para os caudilhos dos homens, que não tem dos povos alguma garantia, se os despojarem da religião.

A religião proporciona-se a todos os espiritos. O commum dos homens

considera-a no estado em que a encontra, e tal se lhe afigura, que é bastante o seu estabelecimento para prova da sua verdade. Outros indagam-n'a até aos apóstolos. Os mais instruidos vão ao começo do mundo. Os anjos veem-n'a melhor e mais ao longe, pois que a contemplam em Deus mesmo.

A adulação é sempre uma lisonja baixa e vil, e muitas vezes superiormente criminosa. O homem que a seu respeito a consente, perde o amor á decencia e esquece a maior das virtudes, se é o conhecimento proprio: assim como o navegante se deixa submergir, ouvindo os cantos da sereia; de igual modo o que attende com gosó e prazer a fementida voz do adulator, succumbe e cabe, naufraga e morre no horrivel pelago da loucura.

HARPA DE DAVID

PSALMO III

Domine, quia multiplicati sunt qui tribulant me?

SENHOR! porque são tantos inimigos
Voltados contra mim?
Eu ouço que me dizem «Não esperes...
«Se esperas salvação... baldado fim!»

Porém, sois vós, Senhor, a minha egide,
A minha protecção!
Por vós levanto a fronte, e aneio a gloria;
A vós meu canto elevo, e vós o ouvides
Na sob'rana mansão.

Sepultado no somno, eu, longo tempo,
Esquecido dormi.
Despertou-me o Senhor; deu-me um ab-igo,
Inspirou-me coragem contra as turbas,
Que nunca mais temi.

Levantai-vos, Senhor! meu Deus! salva-me!
Sêde o meu protector!
Aniquilaste já meus inimigos
A quem nunca offendi, quebraste as furias
Ao dente mordedor.

De vós a salvação, meu Deus, espero...
Se vós dal-a podeis!
Sois vós que a benção daes ao vosso povo;
A mim não m'a negueis.

Sciencias, artes e letras

Descoberta d'obras de Sallustio

A descoberta de uma parte da grande historia romana de Sallustio, traz em grande commoção o mundo dos eruditos, dos historiadores e dos litteratos.

E' sabido que se perdeu a historia de Sallustio, que comprehendia a relação dos feitos succedidos n'uma parte do seculo XVII da era romana, assim como a sua descripção do Ponto Euxino. D'estes livros só se conheciam alguns poucos fragmentos dispersos nos antigos grammaticos latinos e glosadores. E é por isso que a descoberta de uma boa parte da obra mais importante do celebre historiador da guerra de Jugurtha e da conjuração de Catilina, constitue uma verdadeira conquista para a sciencia historica.

A descoberta é devida a um joven sabio austriaco, o dr. Hanler, que recebeu da Academia de Vienna a incumbencia de compulsar nas bibliothecas de Roma, Paris, Berne e Orleans os thesouros litterarios da antiga abbadia de Fleury sur Loire para o «Corpus scriptorum ecclesiasticorum», cuja publicação está sendo feita por aquella Academia.

Na bibliotheca de Orleans ha um caderno de manuscriptos em pergaminho que n'outro tempo serviram de encadernação a varias obras, mas que foram collecionadas pelo benedictino d. Chazal, do seculo passado, ao vêr que antes de servirem de encadernação tinham sido folhas de um livro que continha escriptos dos Santos Padres. Esse caderno foi uma das obras compulsadas pelo doutor Hanler. Outro seu collega, o professor allemão Brandt, ao examinar o mesmo caderno, leu, já meio apagada e entre linhas do escripto ecclesiastico, a palavra «quirites», que lhe fez suppôr que debaixo do escripto relativamente moderno que tratava de theologia, podia muito bem haver o principio d'um discurso dirigido ao povo romano.

O doutor Hanler, prevenido pela observação do seu compatriota e animado pela descoberta de rasuras de escriptos quasi apagados do caderno, decidiu-se a empregar lentes e a photographia para vêr que manuscripto era o que tinha havido n'aquelles pergaminhos antes que os apagasse o monge que n'elles escreveu as obras dos Santos Padres.

A sua descoberta deixou-o assombrado. Em algumas d'aquellas folhas e sob os commentos a Isaias e a S. Jeronymo havia fragmentos não conhecidos das obras de Sallustio.

Foi enorme o trabalho que teve para os decifrar; quasi todos os pergaminhos, antes de servirem de capas aos livros d'onde os tirara D. Chazal, tinham sido escriptos e apagados tres vezes.

Os fragmentos de Sallustio, descobertos pelo doutor, na bibliotheca de Orleans, contém o discurso de Cotta (já conhecido por outro manuscripto existente no Vaticano); mostra a relação que ha entre o discurso e o motim popular do anno 75 A. C. contra os consules; contém o retrato dos consules, parte da carta de Pompeu ao Senado; os debates d'aquella assembleia e por ella motivada, e, finalmente, interessantes pormenores dos combates de Pompeu e Sertorio na Hespanha, bem como as campanhas de Savelio Isaurico contra os piratas.

Como as outras bibliothecas ainda ha manuscriptos collecionados por D. Chazal, os eruditos deitaram-se ao seu estudo com um verdadeiro frenesi, confiados em que encontrarão mais alguns thesouros d'aquelle escriptor do velho Lacio.

Parece que na bibliotheca nacional de Berlin ha outro caderno de pergaminhos de D. Chazal, comprado em 1847 por um baixo preço a um livreiro de Toledo.

O MAR

(Continuado do numero antecedente)

Pela rapida exposição, que se acaba de ler, fica demonstrado que as aguas do Oceano, movendo-se constantemente, mantem os equilibrios da superficie e de grau de rapidez em roda a massa, — e, levando umas vezes o calor ás regiões dos gèlos e outras a frescura ás regiões ardentes do equador, distribuem por toda a parte elementos de vida e animam este immenso corpo que é a terra onde habitamos. O estudo das correntes não está completo; ha ainda muito que observar e que emendar. Mas a base dos conhecimentos d'esta especie está irrefutavelmente adquirida; a Maury se deve o ter

estabelecido com segurança os fundamentos da Geographia Physica do Mar. E esse conhecimento, como já dissémos, não é puramente especulativo; pelo contrario, d'elle se tiram extraordinarios resultados práticos. Assim aproveitando o conhecimento das correntes favoraveis, os navios desviam-se do caminho, que pareceria dever levar-os em direitura de um a outro ponto, para irem procurar essas correntes, que realizam o mytho da «estrada que anda» e os conduzem rapidamente ao ponto do destino. E inversamente, se a corrente lhe fôr desfavoravel, o navio fará um desvio apparente para evitar o encontro da força que contrariaria a sua navegação. Um dos capitulos que mais impressionam na obra de Maury é o XVIII em que o notavel physico descreve «uma corrida de grande velocidade» disputada por quatro navios de véla, que no outomno de 1852 sahiram de Nova-York com destino á California pelo Cabo de Horn, procurando cada um seguir com melhor exito as indicações sobre ventos e correntes, tiradas das descobertas de Maury. Dos quatro navios o que levou menos tempo, gastou 92 dias; e o que levou mais, gastou 118. «O resultado d'essa corrida, (diz Maury) mostrou como os bons navegadores conhecem hoje os ventos e as correntes do mar». Aqui temos quatro navios que partem, uns apoz outros, para fazerem uma viagem de mais de 15:000 milhas por um oceano sem pontos de referencia, confiando apenas nos ventos que, por assim dizer, lhes obedecem. Encontram-se, adeantam-se ou atrazam-se uns aos outros, exactamente como acontece aos viajantes que na terra percorrem a mesma estrada... Para fazer ver a certeza dos conhecimentos adquiridos ácerca da direcção e força dos ventos e correntes accrescentarei o seguinte: Calculei o comprimento do caminho que aquelles navios tinham a percorrer, contando com os ventos contrarios, para irem de Nova-York cortar o equador. O calculo dava n'aquella estação 4,415 milhas. Só o «Gilpin» e o «Hazard» ficaram abaixo d'este numero, gastando o primeiro 4,099 milhas, e o segundo 4,077... Seria, pois, exaggerada a minha affirmação de que os nossos conhecimentos ácerca da direcção dos ventos e correntes nos davam a possibilidade de marcar o nosso caminho atravez dos mares como o caçador marca o seu nas arvores das florestas?»

(Continua).

NOTÍCIAS LOCAES

SUBSCRIÇÃO

A todos os nossos illustres assignantes e amigos do progresso da obra evangelica em Portugal, e do derramamento da instrucção popular, pedimos o seu obulo para auxilio da edificação de uma escola para creanças, no terreno devoluto que pertence á Capella Evangelica Lusitana do Redemptor, S. Lasaro, a d'esta cidade.

Não encarecemos o pedido, quando por toda a parte se reclama o facho da instrucção popular, como o unico capaz de espancar as trevas de todas as tyrannias.

Qualquer quantia póde ser enviada ao digno thesoureiro da mesma capella, o exc.^{mo} sr. André Cassels, respeitavel negociante d'esta praça, rua do Infante D. Henrique, n.º 35.

Morte de uma creança em Melgaço

O nosso illustre amigo, ha pouco chegado do Brazil, o sr. Manoel J. Roiz da Costa, perdeu, no dia 8 do corrente, o seu innocente filhinho, Manoel, de 4 annos de idade.

Avaliamos o profundo golpe que aquelle nosso bom amigo soffreu, mas sabemos tambem da sua grande resignação, só concedida aos que sinceramente amam a Jesus.

Não podemos privar os nossos leitores da narração circumstanciada que o nosso amigo nos faz da morte do seu filhinho. E' ella interessantissima a todos os respeitos, e muito contribuirá para edificação dos nossos leitores:

«Communico-lhe que no dia 8 o meu menino Manoel, de 4 annos e mezes, dormiu no Senhor, ás 4 horas e 10 m. da manhã, cantando um hymno que elle gostava muito «Vinde Meninos». Elle foi visitado o dia inteiro até perto das 11 horas da noite, por grande nu-

mere de pessoas de todas as classes de ambos os sexos. Foi um caso virgem; —primeiro enterro civil n'esta villa.

O sr. Administrador, é digno de agradecimentos, por cumprir a lei com toda a boa vontade. Marquei o enterro para hontem (9) ás 8 horas, e enchendo-se a sala, preseguei nas cerimoniaes religiosas do estylo na nossa Igreja Presbyteriana, e cantando os hymnos: «Vinde Meninos», «Quão linda historia», «Vnmos nós trabalhar» e «Eu confio em Jesus». Tanto aqui como no cemiterio, houve muito respeito e attenção, correndo tudo em paz e na melhor ordem. A maior parte das pessoas que vieram ver o menino no dia 8, ouviram o Evangelho. Agora fico satisfeito, porque quando me retirar para o Brazil, já fica aqui o Evangelho plantado, e continuado a prégar pelo pequeno, pois quero pôr uma pedra na sepultura com algumas passagens das Escripturas. Este facto causou admiração a diversos padres e veio dar-lhes uma lieção porque entendiam elles que a criança não devia ser enterrada no cemiterio, por não ser filho de catholico romano, e isto porque ignoram a lei a este respeito, apesar de ella ser já antiga, de 1837. Deus seja servido abençoar este facto para sua gloria.»

Casamento

Como prenunciamos no numero passado da nossa folha, realisou-se, no dia 9 do corrente, na capella evangelica lusitana de S. Pedro, em Lisboa, o casamento do nosso presado e bom amigo Francisco Maria, digno e zeloso secretario da congregação de S. Paulo, com a exc.^{ma} sr.^a D. Theresa de Jesus Martins, depois de cumpridas todas as disposições da lei do registro civil.

Segundo nos communica o nosso prestimoso amigo e distincto collega, o rev. Caudido J. de Sousa, o templo esteve repleto de pessoas de todas as classes, notando-se durante a celebração da cerimonia religiosa, que é uma das mais solemnes e edificantes da nossa Igreja, o maximo respeito e compostura, proprios do acto e do lugar.

Em seguida ao casamento, os noivos e convidados partiram para Queluz, onde foi servido o jantar.

Aos recém-casados desejamos perennes felicidades.

Enterro civil

No dia 30 do mez passado, na ilha de S. Miguel, segundo lèmos no «Diario de Annuncios», no cemiterio de S. Joaquim foi sepultado civilmente a mãe do sr. Amancio Vicente Pinheiro.

Acompanharam-n'á a sepultura varias

pessoas que professam a religião evangelica e alguns curiosos.

Antes do corpo descer á cova foi lido pelo sr. Wright um capitulo da Epistola de S. Paulo, cantando-se em seguida o hymno—«Jesus virá».

O cadaver foi sepultado no logar commum.

As Irmãs da caridade e a administração da Misericordia

Deu-se ha dias um escandalo na administração da Misericordia do Porto, que cumpre patentear pela imprensa, attenta a sua importancia.

No relatorio apresentado pelo sr. conde de Samodães apparecia subrepticamente posta, a opinião de que os enfermeiros não fazem um serviço tão completo e dedicado como «as irmãs de caridade», e por isso entendia o actual provedor que seria bom experimentar os serviços das «irmãs hospitaleiras», pessoas muito da sua sympathia.

Estes considerandos que veem a paginas 170 e seguintes do relatorio, não faria barulho na assembleia geral, e approvado aquelle documento, poderia amanhã, quem sabe, julgar se a mesa auctorisada a admittir ao serviço aquellas «servas de Deus».

Não ia mal este embrulho, se não fosse o cuidado que mereceu ao sr. Redrigues Padim, capitalista muito conhecido na praça do Porto, esta parte do relatorio.

Este cavalheiro levantou-se a impugnar a admissão das «irmãs hospitaleiras» no hospital da Misericordia e pediu explicações ao sr. conde de Samodães.

O provedor, apanhado de surpresa, respondeu que aquellas palavras não constituíam doutrina de discussão, mas eram a exposição d'uma opinião sua e por isso podia ficar por alli a pendencia levantada pelo sr. Padim.

Enganou-se, porém, o sr. conde de Samodães nos seus calculos. As palavras do sr. Padim, acolhidas e secundadas pelo applauso de varios irmãos presentes á sessão da assembleia geral, lá ficaram como um protesto solemne e como um aviso prévio a toda e qualquer tentativa que venha a fazer-se.

Todos se lembram para ahi das desordens que se levantaram no seio d'uma irmandade onde em tempos esteve a funcionar as «irmãs da caridade» e tambem a recusa immediata que os seus serviços tiveram em outra instituição onde foram propostos.

Ora vejam como as «santas mulheres» iam abrindo, á surrelfia, a porta de entrada no mais importante dos institutos de beneficencia que possuímos.

A selta negra

Diz um jornal de Vizeu:

«Estabeleceu se n'este bispado de Vizeu uma companhia de exploração de consciências e de bolsa com responsabilidade illimitada.

São seus principaes empreiteiros os snrs. padre Miguel, padre Jeronymo e padre Manoel de Villarinho, e so nos resta saber se os filões que elles têm explorado e continuam explorando estão registados na secretaria episcopal.

Durante o tempo em que o sr. D. Antonio Alves Martins foi bispo de Vizeu nunca estes abutres poderam fazer ninho dentro do bispado. Agora fazem os ninhos, chocam á vontade e reproduzem-se, apanhando só a sua chumbada de quem não tem como nós medo da guerra que elles lhe possam fazer.

Contam-se já varios casos de manias religiosas por tal forma intensas, que os individuos d'ellas affectados são uns verdadeiros loucos!

Estes três madraços que percorrem o bispado com a unção venenosa d'um falso Evangelho nos labios e com a especulação avara e sordida no coração, esses tres potes de cio e de cebo disputam entre qual ha de vomitar mais necedades para explorarem os desgraçados que deixam de comer para lh'o metter na sacola.

Onde cae esta praga é contar, que desaparece a gente para o trabalho, porque elles obrigam a practicas religiosas de dia e de noite, nas egrejas, que os paes desconfiem dos filhos, os filhos dos paes, os homens das mulheres, as mulheres dos maridos, n'uma palavra elles taes cousas fazem e dizem que depois de estarem 3 ou 4 dias n'uma terra, parece que anda tudo esmagado pelo remorso, pela pratica de crimes, que feitos por elles são virtudes!

Chegam a convencer os tolos que os ouvem, que quem roubar em casa para dar para o «Coração de Jesus», longe de commetter um crime pratica uma virtude!!

Consentem que os seus devotos communiquem todos os dias, confessando-se de 15 em 15 dias!

Aconselham ás mães que abandonem os filhos para irem para as egrejas ouvirem-lhe as babuseiras!

Obrigam a jejuns individuos que se esmagam com o trabalho, e que mesmo não jejuando passam mal, emquanto elles procuram as casas mais ricas dos povos que percorrem para comerem o melhor que encontram!

Aconselham penitencias corporaes que só uma alma prevertida ou um revoltante cynismo podem imaginar, e elles castigam o corpo com faustosos janetaes, com magnificas camas, e com a

satisfação de todos os prazeres que uma vida ociosa naturalmente desperta!

Mas o que é admiravel é que estas harpias demoram-se especialmente e fazem o seu quartel general nos povos mais visinhos de Vizeu! Os povos de Bodiosa e Ribafeita, a poucos kilometros de Vizeu, estão desgraçados com a praga que lhes cahiu!

Homens e mulhes estão sempre na egreja; as mulheres andam com os cabellos cortados e com a cara quasi toda coberta, vendo-se-lhe no macilento das faces as torturas que lhe deverão ir no espirito. D'aqui os repetidos casos de allucinação mental como epilogo de similhante propaganda!»

NOTICIAS RELIGIOSAS

A Egreja do Estado na Prussia, tem 6:600 cargos pastoraes, e precisa annualmente de 224 candidatos ministeriaes para preencher as vagas. Ha na Prussia 1:835 estudantes de theologia e em toda a Allemanha protestante 4:108 estudantes.

—A Egreja Methodista Episcopal (ramo do sul) tem na Republica do Mexico duas conferencias annuaes: a «Mexican Border Mission» com 34 prégadores viajantes, 16 prégadores locais, 1:354 commungantes, 57 escolas dominicaes com 1:307 alumnos; e a «Central Mexican Mission» com 45 prégadores viajantes, 22 prégadores locais, 1:978 commungantes, 65 escolas dominicaes com 1:369 alumnos. Ao todo na Republica, 89 prégadores viajantes, 38 prégadores locais, 3:332 commungantes, e 122 escolas dominicaes com 2:676 alumnos.

—Esperava-se pelo vapor «Advance», no dia 4 de julho, a chegada ao Rio de Janeiro do Bispo J. C. Granbery, da Egreja Methodista Episcopal (ramo do sul que vem visitar a Missão no Brazil. Trará consigo um ou mais missionarios novos, e convocará os missionarios n'uma conferencia em que ser-lhes-hão marcados os diversos campos de seus trabalhos para o anno de 1886 a 1887. E' a primeira vez que um bispo visita aquella Missão.

—A reunião annual teve logar em Minneapolis, Minnesota, e findou-se no dia 31 de maio proximo passado. Estiveram presentes mais de 400 delegados.

Os relatorios dos secretarios mostram que no anno passado, as egrejas presbyterianas fizeram collectas, para missões domesticas de 674:728 dollars

e para as estrangeiras 745:144 dollars; ao todo 1 446:872 dollars. Apesar d'isso ambas as repartições do trabalho missionario d'esta egreja relatam grandes dividas.

—O evangelista, mr. Earl de Boston, no espaço de 55 annos, tem pregado 20;850 vezes; presidido a 15:500 reuniões de oração e percorrido, sem grandes inconvenientes, mais de 400 mil kilometros, visitando o Canada e todos os Estados da União.

Tão vigorosa era a sua saude, que podia pregar 5 vezes por dia e viajar durante a noite, por seis mezes consecutivos.

Por meio do seu ministerio, 160:000 pessoas se uniram a diversas egrejas, das quaes 200 ou 300 se entregaram depois ao ministerio evangelico.

EGREJA LUSITANA

PORTO

Capella Evangelica Lusitana do Redemptor—S. Lazaro—Officios divinos, todos os domingos ás 10 horas da manhã e 8 da tarde. Todas as quintas feiras, á mesma hora.

VILLA NOVA DE GAYA

Capella Evangelica Lusitana—Logar do Torne, ao pé do Tunel—Officios divinos e sermões, todos os domingos ás 9 horas da manhã e ás 3 e meia da tarde. Todas as quartas-feiras, aoanoitecer.

LISBOA

Capella de S. Pedro—Largo das Taipas—Officios divinos aos domingos ás 12 horas da manhã e 7 1/2 da tarde; quartas-feiras, uma só vez á mesma hora. Aula biblica, aos domingos ás 11 horas da manhã.

Capella de S. Paulo—Largo das duas Companhias, á Moeda—Officios divinos aos domingos á 1 e 7 1/2 horas da tarde; quintas-feiras, uma só vez, a esta mesma hora. N'esta capella ha eschola gratuita para creanças.

Capella de Jesus—Rua da Conceição, á Praça das Flores. Officio divinos, aos domingos ás 12 horas da manhã e 7 da tarde, ás quartas-feiras mesma hora.

Página para a infancia

NOÇÕES DOMESTICAS

Lições infantis

CAPITULO I

Definição da economia domestica—Elementos de educação para o governo da casa e da familia—Fenelon—A sr.^a Campam—A sr.^a de Maintenon—As falsas e as verdadeiras doutrinas.

(Continuado do n.^o antecedente)

A mesma falta de instrução nas classes elevadas infunde o gosto pelo luxo e despezas exageradas; gerando, por consequencia, a ociosidade e a avidez de todos os prazeres frivolos e até perniciosos, e dos quaes só se conhecem os mais desastrosos effeitos.

A educação esmerada ou descuidada, o talento ou a ignorancia, a virtude ou o vicio, são cousas que produzem a elevação ou a decadencia, não só da familia como do Estado.

A economia domestica está para o governo da familia como a economia politica está para o governo da nação.

VII

Já vimos como os cuidados domesticos e o governo de uma casa, repousam nas mais altas considerações. Esta ideia era tambem abraçada pelos proprios antigos.

No seio de uma sociedade, onde a mulher estava bem longe de occupar o lugar que hoje occupa; vê-se mais de uma vez nas constituições pagãs, no meio da impossibilidade com que a consideravam, fulgir uma elevada opinião de seu valor.

Definindo a «economia domestica»: —arte de fazer por uma sabia medida util emprego do «tempo» que se esvae rapido, da «intelligencia» cuja cultura exige muito disvello, do «dinheiro» que é tão difficil de adquirir e mais ainda de conservar; esboçamos os principaes traços do quadro que pretendemos desenhar e o espirito que presidirá estas noções.

Antes de tudo, cumpre que se saiba que nenhum dos ramos dos conhecimentos de que se compõe este resumido curso, é superfluo ao complemento do papel que compete a uma boa dona de casa, para lhe assegurar a grande

parte da influencia que ella deve ter na familia e na sociedade.

VIII

Seria um grande erro ver na cultura das facultades mais eminentes do espirito um obstaculo á pratica das virtudes domesticas.

Teme-se, mas sem razão, que o desenvolvimento mais completo da intelligencia gere o pedantismo e a vaidade.

Não recearemos porém, afirmar que a mulher verdadeiramente instruida nunca dá em pedante, que preenche seus deveres domesticos tão bem como as outras, e que finalmente não lhe falta a graça e os attractivos de que a mulher ignorante é muitas vezes desprovida.

Demais, a mulher realmente instruida tem bastante juizo para não ser pedante. Não foi a essas que o celebre autor-comico Molière, poz em scena nas suas «Sabichonas».

Não nos enganemos; ninguém melhor que Molière sabia apreciar as mulheres de talento que instituíram a bella associação que deu ao espirito francez o bom gosto, a graça e a elegancia.

Não era nem á nobre marquez de Rambouillet, por cujo nome é conhecida aquella associação que tão effizamente incluiu no progresso das letras em França, nem á encantadora sr.^a de Sevigné, que juntava a belleza physica á superioridade de espirito ainda hoje comprovado pelas suas interessantes «cartas»: não, não era a essas mas ás suas estultas imitadoras, mulheres mal instruidas e pretenciosas, que a critica mordaz do poeta feriu com tanta graça quanta justiça n'aquella sua tão conhecida comedia.

A «sabichona Belisa», uma das personagens d'essa peça, que tudo aprendia, excepto o que lhe era necessario saber, apraz-nos oppôr o retrato dezenhado por Fenelon, da filha de «Idomeneo», essa «Antiope», a quem uma educação intelligente formou a um tempo para a familia e para a sociedade.

O eminente escriptor comprazeu-se em adornar a de taes qualidades, que a fizeram a um tempo um anjo da guarda para o lar e um ornamento para a sociedade.

A doçura de seu character conquista o amor de todos, até mesmo d'aquelles que lhe devem obediencia; a firmeza de sua vontade impõe a mais suave auctoridade, porque se pôde cumprir o que ella ordena. Modesta e reservada em sua linguagem, nunca falla sem ser necessario.

Essa educação tão brilhante e tão

completa, e a sua qualidade de filha de rei não a impedem de occupar-se das cousas mais miudas do interior da casa; enquanto que, a «Belisa e Philaminta», das «Sabichonas», julgam descer de sua dignidade, suppõe-se ridiculas, tratando dos arranjos do lar e da familia.

(Continua).

A TRISTEZA

(IMITAÇÃO)

A alma triste é semelhante
Ao céu em noite calada,
Quando a lua se desliza
Solitaria e socegada:

Quando os estrondos do dia
Parecem adormecidos,
Quando pôde o desditoso
Soltar em paz seus gemidos.

Mil estrellas então luzem
A' noite pura e sonora,
Mil estrellas que offuscava
Pesado brilho da aurora.

O' tristeza que me innundas,
Corre pois dos olhos meus,
Como as chuvas em que a terra
Vê um presente dos céos.

Corre em lagrimas desfeita
De saudade e de ternura;
Ah! corre, orvalha me o peito,
Que eu em ti acho doçura.

E não lamentos essa hora
Que te chama para os céos;
Nasça ou morra, é força ao homem
Chorar o exilio ou o adeus.

Tristeza, ergue-me ao céu,
Nas azas da oração,
Faisca do fogo d'alma,
Que me abraza o coração.

TYP. DO «DEZ DE MARÇO»

Rua de D. Fernando—Porto